

▶▶▶▶ 200 anos do

MUSEU

NACIONAL

NACIONAL UFRJ



Amigos  
d'O Museu



▶▶▶▶ 200 anos do

MUSEU

NACIO

NAL UFRJ

Organizadora: Débora de Oliveira Pires  
Rio de Janeiro, 2017  
1ª edição



**Amigos**  
**d'O Museu**  
Associação Amigos do Museu Nacional

## Museu Nacional

**Diretora:** Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

## Associação Amigos do Museu Nacional

**Presidente:** Débora de Oliveira Pires (Museu Nacional/UFRJ)

**Vice-Presidente:** Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional/UFRJ)

**Redação:** Mercia Ribeiro Anselmo (Influência Comunicação)

**Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens:** Maria Gabriela Fernandes Dias

**Fotografias:** extraídas do livro O Museu Nacional. Coleção Administração. São Paulo: Banco Safra. 2007. 360p.

**Fotografias adicionais:** Adriano Kury (p.14, foto 4), Áthila Bertoncini (p.36, foto 2), Bárbara Calçado (p.22, foto 2), Beto Barcellos (p.37), José Pombal Jr. (p.38, foto 5), Piero Angeli Ruschi (p.38; 39) Roosevelt Mota (p.3; 7; 25; 36, foto 1; 40), Seção de Assistência ao Ensino (p.28; 29)

**Museu Nacional** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Quinta da Boa Vista, São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ, 20940-040

**Associação Amigos do Museu Nacional**

Ruas das Marrecas, 40, Sala 413, Centro

Rio de Janeiro, RJ, 20031-120



**Amigos  
d'O Museu**

## Ficha Catalográfica

D988 200 anos do Museu Nacional / Organizadora: Débora de Oliveira Pires  
– 1. ed. – Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017.  
40 p.: il. color ; 21 cm.

ISBN 978-85-89128-10-0

1. Museu Nacional (Brasil) – História. 2. Museu Nacional (Brasil) –  
Catálogos. 3. Museus de história natural – Catálogos. 4. Museus - Brasil. I.  
Pires, Débora de Oliveira. II. Associação Amigos do Museu Nacional.

CDD 500.1074

# Apresentação ◀◀◀

A primeira instituição museológica e de pesquisa do Brasil, o Museu Nacional/UFRJ, segue seu pioneirismo com estudos de ponta e amplo acervo enriquecido constantemente. É uma instituição viva, atuante e alinhada ao século XXI. O embrião das coleções foi implantado pela família real portuguesa, e atualmente é o maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Em 1946, o Museu Nacional foi incorporado à UFRJ, na época Universidade do Brasil, e ele mantém em seu estatuto esse caráter nacional. Está vinculado ao Ministério da Educação.

Sua localização carrega em si pura história. O Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista foi a primeira residência da família real portuguesa, onde a Princesa Isabel nasceu, pertenceu à família imperial brasileira e abrigou a primeira Assembleia Constituinte da República. Foi criado por meio de decreto do rei D. João VI, em 1818. A partir de 1892, seguindo às solicitações de D. Pedro II, passou a ser a sede do Museu Nacional.

O primeiro museu e casa de ciência do Brasil completa 200 anos em 2018. Hoje o Museu Nacional realiza uma série de parcerias importantes para uma grande revitalização e ampliação de sua missão educativa, científica e cultural.

**Débora de Oliveira Pires**

Presidente da Associação Amigos do Museu Nacional  
(Amigos do Museu)



## Dimensão Histórica

O Museu Nacional foi criado por um decreto de D. João VI, no dia 6 de junho de 1818. Nele estava expresso que a educação, a cultura e a difusão da ciência seriam os objetivos da instituição. Deveria vir a funcionar nos moldes dos museus e gabinetes europeus de história natural, com coleções científicas, bibliotecas, arquivos, laboratórios e exposições. Inicialmente, chamava-se Museu Real e funcionava no Campo de Sant'Anna, no Centro do Rio de Janeiro.

O acervo original do Museu provavelmente recolheu peças da Casa dos Pássaros, criada no final do século XVIII. Por ocasião da fundação do Museu, foram-lhe doadas algumas peças das coleções reais, como a taça-cofre “Batalha de Constantino”, encimada por uma escultura em coral. A imperatriz Leopoldina, estudiosa das ciências naturais, trouxe na comitiva nupcial uma missão científica cujos naturalistas muito contribuíram para a instalação da ciência no país. Seu filho Pedro II foi um imperador de perfil intelectual, entusiasta das ciências, que deu grande apoio às atividades do Museu Nacional e constituiu um valioso acervo particular em seus gabinetes do Paço de São Cristóvão. Sempre buscou conhecer e fomentar as inovações científicas e tecnológicas mundiais.

A memória da monarquia brasileira é inseparável do Paço de São Cristóvão. É dessa época o desenho paisagista do jardim da Quinta da Boa Vista, a abertura da grande alameda de sapucaias (*Lecythis pisonis*), nativas da Mata Atlântica, assim como o Jardim das Princesas, com seu estilo italiano.



## Nova fase: a República e o Museu Nacional

Com a Proclamação da República, o Imperador foi banido do Brasil e se exilou na França. A transferência do Museu para o Paço de São Cristóvão só se deu em 1892, após a realização da primeira Assembléia Constituinte republicana, ali reunida.

A abertura ao público das exposições permanentes na nova sede ocorreu em 25 de maio de 1900. As atividades do Museu se intensificaram ao longo do século, reforçando sua política de intercâmbio científico internacional, de publicações e de cursos públicos. Importantes personalidades da ciência mundial visitaram o Museu, como Albert Einstein, Marie Curie e Santos-Dumont.

A instituição exerceu forte influência na sociedade brasileira, para além de sua atividade científica e educativa imediata. Fizeram parte de seus quadros o pai da radiodifusão brasileira, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto, e uma das pioneiras do feminismo no país, a zoóloga Bertha Lutz. Em 1937, foi fundada a Sociedade Amigos do Museu Nacional, para congregar o apoio da sociedade às atividades de ensino e pesquisa do Museu.

Tombado pelo patrimônio histórico nacional, o Paço de São Cristóvão está intimamente ligado à história política, científica e artística do país, graças à ação da família imperial e à atividade bicentenária do Museu Nacional.



### Linha do tempo Museu Nacional



# Museu em números

**3.500**  
m<sup>2</sup>  
Área expositiva atual

**150.000**  
Visitantes no Museu Nacional por ano

**26.160**  
Fósseis nas coleções paleontológicas

**21.000**  
m<sup>2</sup>  
Área do terreno do Palácio

**537.000**  
Títulos nas bibliotecas

**1.560**  
Obras raras na Biblioteca Central

**358**  
Dias de abertura do Museu aos visitantes por ano

**130.000**  
Itens nas coleções antropológicas

**550.000**  
Exsicatas de plantas do herbário

**6.500.000**  
Exemplares nas coleções zoológicas

**121.158**  
Pessoas em eventos de popularização da ciência e visitação programada (2012-2016)

**15.672**  
Amostras nas coleções geológicas

**17.915**  
Exemplares base (tipos) de descrições originais de espécies

**11.417**  
m<sup>2</sup>  
Área construída do Palácio

**1481**  
Ano da obra mais antiga da biblioteca central

**40.748,50**  
m<sup>2</sup>  
Área do Horto Botânico do Museu Nacional



# Departamento de Antropologia

O Departamento de Antropologia está dividido em cinco setores. Cada um representa um campo do conhecimento sobre a Humanidade e suas características socioculturais: Antropologia Biológica, Antropologia Social, Arqueologia, Etnologia e Etnografia, e Linguística. Abriga três cursos de pós-graduação *stricto sensu* (ver o capítulo “Pós-Graduação”).

O **Setor de Antropologia Biológica** tem as coleções mais representativas de seu gênero no Brasil. Incluem remanescentes ósseos humanos com as mais antigas datações das Américas. Já o **Setor de Antropologia Social** corresponde a um prestigioso programa de pós-graduação criado em 1968, que envolve também os setores de Etnologia e Linguística.

As Coleções de Arqueologia Brasileira, Clássica e Andina estão reunidas no **Setor de Arqueologia**. Esse acervo é enriquecido ininterruptamente, graças aos projetos de pesquisa em curso, que englobam tanto a Arqueologia Pré-Histórica quanto a Histórica. O setor mantém um curso de mestrado na especialidade.

No **Setor de Etnologia e Etnografia**, que abriga importantes coleções de cultura material internacional e indígena brasileira, funciona também o Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED), dedicado ao estudo das relações das sociedades indígenas com a sociedade nacional.

O **Setor de Linguística**, além de preservar as coleções de documentos sonoros, abriga cursos voltados para a formação de pesquisadores em línguas indígenas brasileiras, nos níveis de especialização e mestrado profissional.



# Departamento de Botânica

A estrutura do Departamento de Botânica do Museu Nacional conta com laboratórios de várias especialidades, como a identificação e a anatomia das plantas, a identificação e a ecologia das algas, o estudo do pólen, a relação entre as plantas e os polinizadores e também entre o Homem e as plantas. Conta com **catorze docentes** que orientam estudantes da iniciação científica ao doutorado, além da supervisão a pesquisadores de pós-doutorado. Os alunos e pesquisadores têm à sua disposição um amplo e rico acervo vegetal que abrange a flora nacional e internacional.

Faz parte do Departamento o **Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica)**. Conta atualmente com cerca de 60 alunos ativos além de alunos egressos com diversas dissertações e teses defendidas.

O **Herbário do Museu Nacional**, que está sob a responsabilidade do Departamento, foi fundado em 1831 por Ludwig Riedel, e tem a representação de todos os biomas do Brasil, assim como exemplares coletados em outros países. São mais de **550 mil espécimes**, incluindo coleções históricas e outras mais recentes.

Já o **Horto Botânico**, com uma área de 40.748,50m<sup>2</sup>, possui um espaço verde de aproximadamente 20.000m<sup>2</sup> onde são encontradas cerca de **330 espécies** vegetais oriundas de ecossistemas nacionais e espécies exóticas. Nele são desenvolvidas pesquisas botânicas, canteiros de ervas medicinais e plantio de mudas.

Desde 2011, apresenta o projeto “Escolas na Trilha”, no qual são realizadas visitas monitoradas e pré-agendadas para grupos, que também participam de oficinas de acordo com a faixa etária. O Departamento de Botânica foi iniciado em 1842 quando o Museu Nacional foi dividido em quatro seções para organizar, classificar e conservar seu acervo. Ele era a segunda seção, sendo chamado inicialmente de Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas.







# Departamento de Entomologia

Com diferentes linhas de pesquisas envolvendo insetos, o Departamento de Entomologia do Museu Nacional possui uma das maiores e mais representativas coleções da América Latina. Originado como um dos setores da Antiga Seção de Zoologia iniciada em 1842, ele ganhou status de departamento em 1971. Possui cerca de **cinco milhões de exemplares** em suas coleções, disponíveis também para estudo por pesquisadores de instituições do Brasil e do exterior.

Ele tem dez laboratórios de pesquisa, envolvendo o estudo de diferentes ordens: Blattodea, somente sub ordem Blattaria, das baratas; Coleoptera dos besouros; Collembola das pulgas-de-areia; Diptera das moscas e mosquitos; Hemiptera dos percevejos, cigarras e cigarrinhas; Hymenoptera das abelhas, vespas e formigas; Lepidoptera das borboletas e mariposas; Odonata das libélulas; e de insetos aquáticos, como alguns mosquitos (Diptera), friganidos (Trichoptera) e efemérides (Ephemeroptera).



As pesquisas buscam ampliar o conhecimento da diversidade, com o fornecimento de informações para a compreensão e preservação das espécies, assim como reconhecer quais são potencialmente prejudiciais ou benéficas para o Homem e suas atividades. Cabe destacar que esse amplo e rico acervo inclui espécies que foram registradas em locais onde elas não existem mais, por conta das mudanças ao longo do tempo.

Tanto os docentes quanto os técnicos realizam constantemente a identificação de insetos, inclusive emitindo pareceres para órgãos de fomento. Além disso, publicam trabalhos, realizam a apreciação de manuscritos para revistas científicas como consultores, participam na atualização da exposição permanente da **Sala de Insetos do Museu Nacional** e atuam ministrando aulas no Programa de Pós-Graduação em Zoologia.

# Departamento de Geologia e Paleontologia



Com a atividade de pesquisa iniciada em 1842, o Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) atua em diversas áreas do conhecimento relacionadas aos amplos aspectos da evolução geológica e biológica da Terra. O acervo foi iniciado já no século XVIII, incluindo materiais de coleta de expedições e intercâmbios no Brasil e no exterior, assim como doações e permutas.

As expedições para a coleta de rochas e fósseis são realizadas no território nacional, e elas também são feitas no exterior com parcerias firmadas com pesquisadores de diferentes países, como Alemanha, Argentina e China, gerando um rico material de divulgação científica. Entre elas está a primeira expedição realizada por pesquisadores do Museu Nacional à Antártica, onde foram coletados fósseis e rochas do Cretáceo da região.

Faz parte das atividades do Departamento a manutenção e a atualização do acervo geopaleontológico em exposição no Museu Nacional. O público tem acesso a elementos de grande relevância para a ciência, como os meteoritos **Bendegó** e **Santa Luzia**, que são os maiores já encontrados no Brasil. Destacam-se também exemplares de pterossauros e de **dinossauros** achados na Bacia do Araripe, no Ceará, e exemplares da megafauna extinta, como **preguiças-gigantes** e **tigres-dentes-de-sabre**. Cabe ressaltar a primeira exposição de **fósseis vegetais** realizada no país.

O DGP está dividido em sete setores: Geologia Sedimentar e Ambiental, Meteorítica, Mineralogia, Paleobotânica e Paleopalínologia, Paleoinvertebrados, Paleovertebrados e Petrografia. A maioria das atividades de pesquisa é desenvolvida nos laboratórios especializados, com apoio dos laboratórios de preparação de rochas e fósseis. As coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia são gerenciadas por curadores de cada área.





# Departamento de Invertebrados

O Departamento de Invertebrados do Museu Nacional é um centro de referência em pesquisas de invertebrados marinhos e de água doce e aracnídeos. Seus pesquisadores estão dedicados ao ensino, pesquisa, extensão, conservação e desenvolvimento sustentável.

As atividades foram iniciadas por naturalistas que se encontravam nos gabinetes do Museu Nacional na Seção de Zoologia, no final do século XIX. Mas foi em 1971 que o Departamento de Invertebrados foi estabelecido. Suas coleções científicas são ampliadas continuamente por meio dos estudos de campo. Depositárias da biodiversidade, elas estão na **Sala de Coleções do Departamento de Invertebrados Prof. Paulo Young** e também nos próprios laboratórios. Cada coleção científica chega a ter mais de cinco mil lotes. A mais antiga é a de **moluscos** com mais de **45 mil exemplares**.

Dividida em seis setores, a estrutura do Departamento abriga intensa e rica produção científica. Em Aracnologia são realizados estudos de aranhas, escorpiões e opiliões; em Carcinologia, os crustáceos: caranguejos, camarões e lagostas; em Celenterologia, corais, anêmonas e hidrozóários; em Equinodermatologia, estrelas-do-mar, ouriços-do-mar, pepinos-do-mar, lírios-do-mar e ofiuroides, que são conhecidos como serpentes-do-mar; em Espongiologia, esponjas marinhas e de água doce; e, em Malacologia, os moluscos: mexilhões, ostras, lesmas e caracóis.

As pesquisas acadêmicas também abrangem ações integradas para a conservação e a avaliação ambiental. São realizadas a partir da identificação da fauna e do monitoramento do impacto de atividades humanas, além das atividades de extensão, que contribuem para a aproximação dos conhecimentos científicos com a sociedade.





## Departamento de Vertebrados



Instalado no Horto Botânico do Museu Nacional, o Departamento de Vertebrados detém um dos maiores acervos científicos sobre a biodiversidade neotropical. Suas coleções foram iniciadas no final do século XIX, abrangendo cerca de **um milhão de espécimes**. Inclui material de inestimável valor científico e histórico, como espécies extintas da natureza, ou de regiões alteradas pela ação humana. Atuaram em seu quadro cientistas ilustres como Alípio de Miranda Ribeiro, Antenor Carvalho, Bertha Lutz, Emilie Snethlage, Helmut Sick e João Moojen. Atualmente, conta com **treze docentes permanentes** desenvolvendo pesquisas constantemente com seus alunos no Brasil e no exterior. O acervo e as linhas de pesquisa do Departamento estão distribuídos em quatro setores:

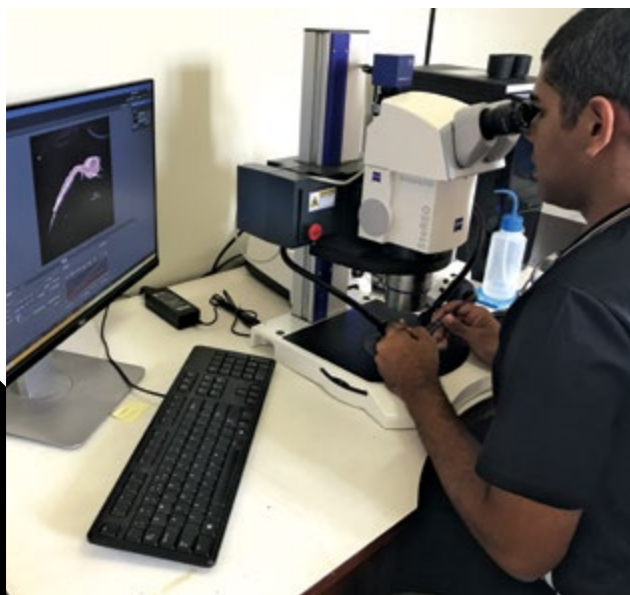
O **Setor de Herpetologia** apresenta uma coleção de cerca de **100 mil exemplares de anfíbios** e **30 mil répteis**, uma das maiores do mundo quanto a herpetofauna neotropical. Com um catálogo completamente informatizado, o **Setor de Ictiologia** tem um acervo de **600 mil exemplares de peixes** das principais bacias hidrográficas do Brasil, organizados em mais de 50 mil lotes.

O **Setor de Mastozoologia** tem a maior coleção de mamíferos da América Latina. Estão incluídas mais de **100 mil espécimes**, com destaque para o material das décadas de 1940 e 1950 a partir do empenho de João Moojen de Oliveira em projetos associados ao controle de endemias, constituindo os maiores e mais bem documentados levantamentos de mastofauna em território nacional.

Já o **Setor de Ornitologia** tem a coleção mais representativa da diversidade de aves do país. Apresenta cerca de **55 mil exemplares** taxidermizados, além de espécimes em meio líquido, ninhos, ovos, e esqueletos. Esse amplo acervo é fruto de mais de 100 anos de coletas.



# Pós-Graduação



Cursos de doutorado, mestrado e especialização são oferecidos nos programas de pós-graduação do Museu Nacional/UFRJ, além das atividades de pós-doutorado. Os cursos *lato sensu* são **Geologia do Quaternário, Gramática Gerativa e Estudos de Cognição, e Línguas Indígenas Brasileiras**. Há também uma série de grupos de pesquisas e projetos vinculados aos cursos. A seguir, um resumo dos programas dos cursos *stricto sensu*:

## Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)

A primeira pós-graduação em Antropologia Social do país foi criada em 1968 no Museu Nacional. Com uma concepção aberta e multidisciplinar, o PPGAS promove abordagens etnográficas, históricas e comparativas,

num modelo inovador de articulação entre pesquisa e ensino, formando docentes e produzindo conhecimento original sobre a realidade sociocultural. Desde seu início mantém ininterruptamente o grau máximo da Capes: 7, refletindo sua excelência acadêmica. As pesquisas são feitas em diferentes pontos do Brasil e do mundo, incluindo outros países da América do Sul, do Caribe, da África e da Europa. Além disso, edita a revista “Mana: Estudos de Antropologia Social”, também avaliada com a máxima qualificação.

## Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq)

Com cursos de mestrado e doutorado, o PPGARq tem por objetivo a formação de pesquisadores e docentes capacitados para a investigação e a transmissão de conhecimentos sobre o passado remoto e recente da humanidade, oferecendo densa formação teórica aliada à consistente experiência empírica em campo e em laboratório. Está baseado em três linhas de pesquisa: Povoamento do Território Brasileiro, Estudos de Cultura Material, e Populações, Ambiente e Cultura. Vale destacar o excepcional acervo arqueológico do Museu Nacional, único no Brasil, cujas coleções representam enorme diversidade cultural através dos tempos, desde o Paleolítico europeu até o século XIX.





### **Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (PPGBot)**

Na área de Botânica, o Museu Nacional iniciou o mestrado em 1972 e o primeiro curso de doutorado no Rio de Janeiro em 2001. Com a criação desse curso de doutorado, houve um fortalecimento do papel fundamental do PPGBot em ser um centro de formação e difusor de profissionais no cenário da educação nacional. O Programa conta com a área de concentração de Biologia Vegetal e estrutura-se em seis linhas de pesquisa: Biologia Reprodutiva das Angiospermas; Coleções Biológicas; Comunidades Vegetais: Ecologia, Fitossociologia e Conservação; Morfologia de Embriófitos; Taxonomia e Ecologia de Criptógamos; e Taxonomia e Florística de Angiospermas.

### **Programa de Pós-Graduação em Geociências (PPGEO)**

Ele oferece curso de mestrado com ênfase na área de Patrimônio Geopaleontológico. Seus alunos ficam capacitados para atuar, por exemplo, no gerenciamento e proteção do patrimônio geocientífico contidos nos geosítios e nas coleções científicas de instituições de ensino e pesquisa, entre outras possibilidades.

### **Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLIND)**

Trata-se do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* presencial da área de Letras e Linguística no país sobre as línguas indígenas. Seus docentes compartilham a larga experiência de pesquisa com línguas e grupos indígenas, incluindo contextos sociais e culturais específicos.

### **Programa de Pós-Graduação em Zoologia (PPGZoo)**

Ele confere títulos de mestre e doutor em Ciências Biológicas/Zoologia, se propondo também a atividades de pós-doutorado. Foi criado em 1972, com amplas coleções científicas de referência enriquecidas continuamente nos trabalhos de campo. Cabe destacar que uma das metas prioritárias do Museu Nacional é atuar como centro de referência e excelência em questões ligadas à biodiversidade nacional, visando especialmente os interesses sociais e ambientais.





# Acervo Científico e Bibliotecas

O Museu Nacional abriga um dos mais ricos acervos da América Latina em ciências naturais e antropológicas, com mais de **20 milhões de itens**. Seus departamentos reúnem exemplares representativos da biodiversidade marinha e terrestre, fósseis, assim como objetos etnográficos e arqueológicos que compõem o acervo científico de áreas como antropologia biológica, botânica, arqueologia, zoologia, etnologia, geologia e paleontologia.

O acervo se destaca pela **Coleção Arqueológica Balbino de Freitas** tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1948, com materiais provenientes dos sambaquis do litoral sul. Eles foram construídos por populações que viveram na costa brasileira entre 8 mil anos atrás e o início da era cristã.

Já o **acervo documental** está sob a responsabilidade do Centro de Documentação em Línguas Indígenas (CELIN) e da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR). São disponibilizados, por exemplo, materiais textuais, sonoros e visuais de línguas indígenas e de variedades do português falado no Brasil.



A **Biblioteca Central do Museu Nacional**, criada oficialmente em julho de 1863, é uma das maiores da América Latina especializada nas áreas de ciências antropológicas e naturais. São mais de **500 mil títulos** e sua coleção tem mais de 16 mil séries. Destacam-se as obras raras e os in-fólios. Entre as preciosidades estão publicações como “Historia naturale”, de 1481, do autor Plínio, O Velho, e “Viagem filosófica: expedição científica de Alexandre Rodrigues Ferreira nas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá – 1783-1792”, que foi certificada em 2011 no Registro da América Latina e Caribe do Programa Memória do Mundo da UNESCO. Aliás, as raridades dos séculos passados estão disponibilizadas em altíssima resolução na internet.

Soma-se a esse acervo a **Biblioteca Francisca Keller** do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ. Trata-se de um dos mais importantes e amplos acervos de literatura antropológica no Brasil, com **mais de 37 mil volumes**, como livros, teses, anais de congressos, periódicos, e outros conteúdos.

As bibliotecas ficam abertas ao público para pesquisas.

Acervo bibliográfico online:  
Base Minerva da UFRJ: [www.minerva.ufrj.br](http://www.minerva.ufrj.br).  
Biblioteca Digital de Obras Raras: <http://bdor.sibi.ufrj.br/>



SAE

Seção de Assistência ao Ensino



Comprometida com a educação, a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) foi concebida e implementada por Edgar Roquette-Pinto, quando diretor do Museu Nacional. Sua criação se deu em 15 de outubro de 1927, sendo o primeiro setor educativo de um museu brasileiro. Com a intenção de promover a educação em ciências, a acessibilidade cultural e a popularização da ciência, a SAE realiza projetos e ações para a comunidade escolar, famílias, pessoas com deficiência, crianças, pessoas em situação de vulnerabilidade social, universitários e o público em geral. Desenvolve estudos de público e pesquisas nos campos da educação museal e da acessibilidade cultural. Inaugurou em 2013 a exposição *O Mar Brasileiro na Ponta dos Dedos* visando à inclusão de pessoas com deficiência no ambiente expositivo.

Entre os projetos e ações educacionais realizadas atualmente pela SAE estão:

- ▼ **O Museu e o Parque** – Voltado para grupos do Ensino Fundamental II, tem como foco o Parque da Quinta da Boa Vista e seus aspectos paisagísticos, históricos, botânicos e zoológicos. Busca a integração entre as ciências presentes fora e dentro do Museu a partir dos eixos temáticos Terra, universo, vida e ambiente.

**Tem Criança no Museu: de férias com a ciência** – Ação que busca estimular a criatividade, a curiosidade e a ampliação de conhecimentos de crianças de 5 a 7 anos em botânica, paleontologia, zoologia, arqueologia e etnologia.

**Coleção didática para empréstimo** – Disponibiliza sua coleção de aproximadamente 1.500 itens, com material zoológico, paleontológico e geológico para escolas e instituições científicas.

**Visitas educativas** – Realizadas com públicos de visitação programada e espontânea, elas buscam estabelecer uma transformadora rede de educação, comunicação, negociação e diálogo entre o Museu Nacional, a ciência e a sociedade.

**Ações extramuros** – São realizadas principalmente no Parque da Quinta da Boa Vista com o intuito de estreitar a relação do Museu com a sociedade, incluindo aqueles que não o visitam.

**Cursos de extensão** – Oferecidos em parceria com os Departamentos do Museu: *Formação de Mediadores do Museu Nacional*; *Descobrimo a Terra – Formação Continuada de Professores em Educação em Geociências*; e *Meninas com Ciência: Geologia, Paleontologia e Gênero no Museu Nacional*.





# SEMUMuseologia



▶▶▶ A experiência do público visitante no Museu Nacional/UFRJ é proporcionada pelo resultado das pesquisas científicas que são exibidas nas salas de exposição do palácio. O trabalho de projetar, montar e preservar as exposições de longa e curta duração fica a cargo da Seção de Museologia (SEMUM).

A equipe conta com profissionais de museologia, biologia, design gráfico, além de estagiários, para realizar os projetos museográficos. Eles envolvem a concepção, os aspectos estruturais – o mobiliário específico, a visualização gráfica, o acesso para manutenção e segurança do acervo –, assim como a montagem, a acessibilidade e a circulação do público visitante.

Essa seção trabalha sempre com a participação e a assessoria das curadorias que definem as peças das coleções que irão fazer parte das exposições. Além de ser responsável pelas peças de acervo em exposição, a Seção faz a curadoria de acervos históricos de mobiliário e pinturas em tela. Os processos de empréstimo de peças das coleções do Museu Nacional também são avaliados pelos profissionais do SEMUM, para garantir a preservação do acervo que sai da instituição.

O SEMUM conta também com a exposição itinerante **Tesouros do Museu Nacional**, que já foi transportada e montada em cerca de 20 cidades do Brasil, e cumpre a função de levar um pouco do Museu Nacional ao público que não tem ou ainda não teve a oportunidade de visitar a instituição.





## Exposições do Museu Nacional ▶▶▶

A multiplicidade dos conhecimentos de ciências naturais e antropológicas ao alcance de todos. Eis o cerne das exposições de longa e curta duração do amplo e diversificado acervo do Museu Nacional/UFRJ. Essa temática surgiu a partir das coleções das famílias real e imperial que criaram a instituição e incentivaram as pesquisas sobre a cultura humana e a vida. Elas foram enriquecidas e ampliadas consideravelmente pelos pesquisadores dos departamentos ao longo desse bicentenário. Seu conteúdo ajuda a conhecer e a estudar a origem e a biodiversidade do planeta, suas transformações, a cultura de diferentes povos pelo mundo e a ocupação do território brasileiro.

Ao percorrer as salas do Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, o público tem contato com aproximadamente **5 mil peças** carregadas de história. Organizadas por temas, usam uma linguagem museológica e museográfica que valoriza o acervo e estimula o interesse dos visitantes. Ao entrar no Museu, o primeiro objeto que nos deparamos é o meteorito Bendegó encontrado no sertão baiano em 1784 e trazido para o Rio de Janeiro 100 anos depois. Ele pesa 5,36 toneladas, sendo o maior conhecido até o momento no Brasil. Sua relevância chamou a atenção de Albert Einstein, que veio conhecê-lo em 1925.

Ao visitar as exposições é possível entender mais sobre a vida no planeta ao longo das eras por meio dos fósseis. Ficam em exposição esqueletos de dinossauros e de mamíferos gigantes. Há uma réplica de *Tyrannosaurus rex* baseada em material encontrado nos EUA com perfurações no crânio, evidenciando as lutas entre os indivíduos dessa espécie. Destaque também para o **crânio de Luzia**





– fóssil humano datado de **12 mil anos** encontrado em 1975 no sítio arqueológico de Lagoa Santa, em Minas Gerais.

A **ocupação do território brasileiro** é transmitida aos visitantes do Museu Nacional por meio dos vestígios de objetos provenientes de diferentes grupos. Eles vão desde produções artísticas até armas. Inclui, por exemplo, coleção de objetos cerimoniais em pedra e osso encontrados nos **sambaquis** pelo litoral brasileiro. O Museu Nacional tem um dos acervos mais importantes do país em **artefatos indígenas** dos séculos XIX e XX. Além disso, há um espaço dedicado à **cultura africana**, incluindo informações sobre religiões, conflitos e o processo de colonização desses povos.

São proporcionados contatos com a cultura de diferentes pontos do planeta por meio de suas produções. O Museu Nacional detém a maior coleção egípcia da América Latina. Ela pertenceu a Pedro I e Pedro II, incluindo múmias, que eram feitas em rituais religiosos como preparação para a vida eterna. Os esquifes apresentam a comunicação no **Egito Antigo**, como os hieróglifos – um dos primeiros registros escritos. São peças com valor artístico, histórico e científico, que trazem elementos sobre céu e Terra da mitologia egípcia. Há múmias de crianças, adultos e animais como gatos e crocodilos, sendo a maioria da região de Tebas. Fazem parte da mostra também lápides repletas de inscrições informando as funções das pessoas e de seus familiares.

A Imperatriz Teresa Cristina foi responsável pela formação da **Coleção de Arqueologia Clássica do Museu Nacional**, que é a coleção greco-romana

mais importante da América do Sul. As peças são provenientes de vários sítios arqueológicos da Itália. Hoje estão em exposição aproximadamente 700 peças produzidas entre o século VII a.C e o século III d.C, de diferentes materiais.

Chama atenção no acervo do Museu Nacional o **manto** e o colar feitos de plumas de uso pessoal do **rei Kamehameha II**, das Ilhas Sandwich, atual Havaí. Pedro I foi presenteado durante passagem do rei e de sua comitiva pelo Rio de Janeiro em 1824 a caminho da Inglaterra.

Alguns traços culturais semelhantes das Américas são observados por meio das peças obtidas em estudos arqueológicos. Estão em exposição representativas e ricas produções ceramista, têxtil e metalúrgica dos povos **Chancay, Chimu, Incas, Mochica e Nazca**. São apresentadas também múmias naturais de diferentes origens, cujos corpos foram mumificados pela ação do tempo.

Os estudos de zoologia estão atualmente representados pela exposição de corais, conchas e borboletas, numa grande diversidade, incluindo a relação desses invertebrados com o Homem. As exposições de curta duração também fazem parte da programação do Museu, englobando diversos outros temas de pesquisa.

Por trás das exposições do Museu Nacional estão os trabalhos de museologia, conservação e restauração, assim como a produção científica dos departamentos.





## Associação Amigos do Museu Nacional

Um grupo de idealistas fundou a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, em 13 de janeiro de 1937. Eles pertenciam a famílias que tinham arrematado grande parte dos bens e obras de arte no Leilão do Paço. A primeira diretoria foi composta por Paes Leme, Campos Porto, Mello Leitão e Guilherme Guinle – nomes de destaque nas áreas de ciência e cultura no país. Entre os incorporadores também estavam: Alberto de Sampaio, Armenio Miranda, Heloisa Torres, Irineu Sampaio, Mario de Oliveira, Octavio Reis e Ruy de Lima e Silva.

Hoje denominada Associação Amigos do Museu Nacional, ela é uma organização sem fins lucrativos voltada para apoiar o Museu Nacional e seus projetos de conservação, educação, ciência e cultura, especialmente. A Amigos do Museu está sempre produzindo e difundindo informações importantes para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Entre as iniciativas estão exposições, reformas de espaços, aquisições de peças originais e réplicas para o acervo, parcerias com empresas e instituições públicas e privadas de diferentes áreas, e gerência de projetos científicos e culturais.

A Amigos do Museu gerenciou, por exemplo, o Programa de Educação Patrimonial do Projeto de Resgate do Patrimônio Arqueológico do Comperj e o Projeto Coral Vivo. Com o passar dos anos, ajudou a estruturar o Instituto Coral Vivo, criado para abrigar tanto o Projeto que nasceu nas atividades do Museu Nacional quanto outras iniciativas voltadas especificamente para os recifes de coral e ambientes coralíneos. Na área de pesquisas, a Amigos do Museu é uma das proprietárias e gestoras da Estação Biológica de Santa Lúcia, no Espírito Santo.

## Amigos d'O Museu



## Estação Biológica de Santa Lúcia (EBSL)

- ▼ **A** Estação Biológica de Santa Lúcia alia preservação ambiental e respeito histórico ao intenso trabalho de investigação científica nesse remanescente da Mata Atlântica, no Espírito Santo. São 440 hectares de extraordinária e ainda pouco estudada biodiversidade – o que equivale a 616 campos de futebol. Funciona como um *campus* avançado de pesquisas, a 78 quilômetros de Vitória, recebendo inúmeras instituições brasileiras.

Foi criada em 1939, a partir dos estudos do naturalista e patrono da ecologia no Brasil Augusto Ruschi. Desde a infância, ele passava as férias na Chácara Anita que sua família tinha em Santa Teresa, estudando e colecionando plantas e pássaros. Ruschi criou nessa propriedade o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, e estimulou que a Amigos do Museu comprasse terras de floresta virgem afastadas da cidade e estabelecesse uma estação de pesquisa. Mais tarde, a EBSL foi ampliada com doações de terras do estado para a UFRJ e o próprio Ruschi doou outras terras para o Museu de Biologia, atual Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA).

As terras da Amigos do Museu, da UFRJ e do INMA formam a EBSL, e elas atuam em gestão compartilhada. As pesquisas nesse oásis protegido geram resultados que influenciam e beneficiam outras áreas de Mata Atlântica no país. Ruschi está enterrado na área que pertence à Amigos do Museu.



## Colaboradores Desta Edição

---

- ▼ Andrea Costa
- ▼ Barbara Haiad
- ▼ Carlos Renato Ventura
- Claudia Ferreira
- Clovis Castro
- Cristiana Serejo
- Edmundo Pereira
- Eduardo Barros
- Eliane Frenkel
- José Pombal Jr.
- Leandra de Oliveira
- Lia Ribeiro
- Luiz Fernando Duarte
- Lygia Santiago-Fernandes
- Marcelo Britto
- Marcelo Carvalho
- Marcia Couri
- Marco Aurélio Caldas
- Maria Dulce Gaspar
- Maria Elvira Díaz
- Marília Facó
- Patrícia Lameirão
- Renata Alves
- Rita Scheel
- Ruth Saldanha
- Sonia Fraga
- Thaís Pinheiro
- Vania Esteves
- Vera Huszar
- Wagner Martins





MUSEU NACIONAL  
UFRJ

# Amigos d'O Museu

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-89128-10-0



9 788589 128100